

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara.
E se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMÕES, e. VII e 14.

Diretor-Geral
Paulo Cabral de Araújo

Diretor-Superintendente
Edilson Cid Varela

Diretor-Responsável
Ari Cunha

Editor-Geral
Ronaldo Martins Junqueira

Gerente-Geral
Alberto de Sá Filho

Gerente Financeiro
Evaristo de Oliveira

Gerente Técnico
Ari Lopes Cunha

Gerente Comercial
Mauricio Dinepi

Retrocesso, não

Uma queda vertical dos investimentos nos setores básicos da economia nacional ameaça, a prazo relativamente curto, condenar o Brasil a uma situação de calamidade. As áreas de energia elétrica, transportes, siderurgia, petróleo, telecomunicações, abastecimento e instalações portuárias acham-se expostas a disfunções as mais graves. Os projetos de reaparelhamento tecnológico e de expansão de setores vitais estão, quase todos, paralisados, em virtude da cessação dos fluxos financeiros suficientes para dinamizá-los.

Em nome de uma política supostamente destinada a retirar de cena os principais indutores da inflação, desde meados do ano, o programa de investimentos públicos a cargo da União declina por falta de recursos. No momento, pode-se dizer que impera o vácuo, pois até mesmo obras associadas à própria estratégia nacional, como a Hidrelétrica de Xingó, foram abandonadas.

O mergulho dos investimentos ladreira abaixo foi de tal ordem que, no orçamento do exercício corrente, previam-se aplicações correspondentes a 3,2 por cento do Produto Interno Bruto, mas não se chegou a 2,8 por cento. A proposta orçamentária do próximo ano também consagra 3,2 por cento do PIB

aos investimentos, mas, diante da caótica situação das finanças públicas, seguramente haverá cortes drásticos. Ora, a destinação de receitas orçamentárias aos programas ligados à infra-estrutura básica sempre se situou em torno de 5,5 por cento do PIB, a fim de garantir crescimento econômico adequado às exigências do País e às taxas de aumento demográfico.

A crise dos investimentos resulta, também, da incapacidade de as empresas estatais gerarem poupanças nos níveis exigidos pela dimensão de suas próprias atividades e segundo objetivos sociais. No passado, os desperdícios, as metas delirantes, os equívocos operacionais, os negócios mal conduzidos e outras distorções volatilizaram os excedentes líquidos. E no presente tais anomalias juntaram-se aos desajustes tarifários, provocados pela inflação, para impedir a formação de reservas nos balanços contábeis.

Como, porém, o retrocesso infra-estrutural desencadeará reações em círculos concêntricos, como uma pedra atirada em águas tranquilas, é todo o sistema produtivo que se encontra sob grave ameaça de sucateamento. Uma solução heróica urge ser desde logo encaminhada, porque a Nação não suportará regredir ainda mais.